



# Educação e Tecnologias: Experiências, Desafios e Perspectivas

Gabriella Rossetti Ferreira  
(Organizadora)

Gabriella Rossetti Ferreira  
(Organizadora)

# Educação e Tecnologias: Experiências, Desafios e Perspectivas

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os autores

### **Conselho Editorial**

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E24 Educação e tecnologias [recurso eletrônico] : experiências, desafios e perspectivas / Organizadora Gabriella Rossetti Ferreira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Educação e Tecnologias: Experiências, Desafios e Perspectivas; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-271-5

DOI 10.22533/at.ed.715191704

1. Educação. 2. Inovações educacionais. 3. Tecnologia educacional. I. Ferreira, Gabriella Rossetti. II. Série.

CDD 370.9

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)



## APRESENTAÇÃO

"Se a educação sozinha não transforma a sociedade,  
sem ela tampouco a sociedade muda".

-Paulo Freire

A obra “Educação e Tecnologias: Experiências, Desafios e Perspectivas” traz capítulos com diversos estudos que se completam na tarefa de contribuir, de forma profícua, para o leque de temas que envolvem o campo da educação.

Diante de um mundo de transformações rápidas e constantes, no qual os conhecimentos se tornam cada vez mais provisórios, pressupõe-se a necessidade de um investimento constante na formação ao longo da vida.

As tecnologias estão reordenando e reestruturando a forma de se produzir e disseminar o conhecimento, as relações sociais e econômicas, a noção de tempo e espaço, modos de ser, pensar e estar no mundo, até a capacidade de aprender para estar em permanente sintonia com a velocidade das constantes transformações tecnológicas que, na verdade, tornou-se um bem maior nesta nova era.

Os saberes adquiridos nas formações iniciais já não dão mais suporte para que pessoas exerçam a sua profissão ao longo dos anos com a devida qualidade, como acontecia até há pouco tempo, conforme explica Lévy (2010, p.157): “pela primeira vez na história da humanidade, a maioria das competências adquiridas no início do seu percurso profissional, estarão obsoletas no fim da sua carreira”.

As iniciativas de formação têm aumentado no Brasil, como também as propostas de educação que envolvem as tecnologias, sendo esta uma de suas inúmeras possibilidades, a atualização de conhecimentos atrelada ao exercício profissional.

Lévy assinala que, “por intermédio de mundos virtuais, podemos não só trocar informações, mas verdadeiramente pensar juntos; pôr em comum nossas memórias e projetos para produzir um cérebro cooperativo.” (2010, p.96).

Percebe-se, uma nova relação pedagógica com os atores sociais, estabelecendo nos espaços mediados pela rede, um diálogo fundamentado em uma educação, ao mesmo tempo, como ato político, como ato de conhecimento e como ato de criação e recriação, pois o conhecimento só se redimensiona devido à imensa coletividade dos homens, num processo de valorização do saber de todos.

As possibilidades de comunicação e de trocas significativas com o outro, por intermédio da linguagem real ou virtual, repercutem na subjetividade como um todo e intervêm na estruturação cognitiva, na medida em que constitui um espaço simbólico de interação e construção.

Uma pessoa letrada tecnologicamente tem a liberdade de usar esse poder para examinar e questionar os problemas de importância em sócio tecnologia. Algumas dessas questões poderiam ser: as ideias de progresso por meio da tecnologia, as tecnologias apropriadas, os benefícios e custos do desenvolvimento tecnológico, os modelos econômicos envolvendo tecnologia, as decisões pessoais envolvendo o

consumo de produtos tecnológicos e como as decisões tomadas pelos gerenciadores da tecnologia conformam suas aplicações.

Aos leitores desta obra, que ela traga inúmeras inspirações para a discussão e a criação de novos e sublimes estudos, proporcionando propostas para a construção de conhecimentos cada vez mais significativo.

Gabriella Rossetti Ferreira

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A AUTONOMIA E OS PROCESSOS DE MUDANÇA UM ESTUDO SOBRE A DESISTÊNCIA EM UM CURSO ONLINE	
Maria Glalcy Fequetia Dalcim	
DOI 10.22533/at.ed.7151917041	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>17</b>
A EVOLUÇÃO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO ENSINO DE GRADUAÇÃO	
Pedro Pascoal Sava	
Helena Portes Sava de Farias	
Bruno Matos de Farias	
Ana Cecilia Machado Dias	
DOI 10.22533/at.ed.7151917042	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>32</b>
A IMPORTÂNCIA DA EXPERIMENTAÇÃO EM CURSOS DE GRADUAÇÃO EM QUÍMICA MODALIDADE EAD	
Érica de Melo Azevedo	
DOI 10.22533/at.ed.7151917043	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>43</b>
A INFLUÊNCIA DO ESTILO DE APRENDIZAGEM DO TUTOR A DISTÂNCIA NA ESCOLHA DOS RECURSOS DIDÁTICOS	
Cristiana Mariana da S. S. do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.7151917044	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>58</b>
A LINGUAGEM NA ELABORAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO PARA EAD	
Ana Cristina Muniz Percilio	
Priscila Vieira de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.7151917045	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>73</b>
ANÁLISE DO ENSINO-APRENDIZAGEM DE UMA DISCIPLINA DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA EAD ICHS-UFF: O PROCESSO DE RETROFIT	
Julio Candido de Meirelles Junior	
Camyla D'Elyz do Amaral Meirelles	
Alessandra dos Santos Simão	
DOI 10.22533/at.ed.7151917046	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>80</b>
AVALIAÇÃO NA EAD UMA PERSPECTIVA DIALÓGICA: PRÁTICAS E REGULAÇÃO NORMATIVA	
Célia Maria David	
Sebastião Donizeti da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7151917047	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>92</b>
DESAFIOS PARA ORIENTADORES E ORIENTANDOS NA REALIZAÇÃO DO TCC NA EAD	
Keite Silva de Melo	
Gilda Helena Bernardino de Campos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7151917048</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>107</b>
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (EAD) E INOVAÇÃO: VICISSITUDES DO PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL	
Paulo Jorge de Oliveira Carvalho	
Charles Abrantes Coura	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7151917049</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>114</b>
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E INOVAÇÃO NA FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO PERMANENTE EM SAÚDE	
Paulo Jorge de Oliveira Carvalho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71519170410</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>123</b>
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA:; UMA REALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE INICIAL	
Edson Vieira da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71519170411</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>136</b>
ESTRATÉGIAS DE ESTUDOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA À DISTÂNCIA:; UM ESTUDO PILOTO QUANTO ÀS PREFERÊNCIAS DE APRENDIZAGEM DOS ACADÊMICOS.	
Sidney Gilberto Gonçalves	
Ketylen Jesus Dos Santos	
Lucas Diego Da Cruz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71519170412</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>144</b>
FERRAMENTAS MEDIADORAS PARA A INICIAÇÃO CIENTÍFICA NA MODALIDADE EAD: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DE UMA EXPERIÊNCIA E RESULTADOS	
Maria Gorett Freire Vitiello	
Eliza Adriana Sheuer Nantes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71519170413</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>160</b>
IDENTIDADE DOCENTE NA EAD: REPRESENTAÇÕES DE PROFESSORES-TUTORES	
Elaine dos Reis Soeira	
Rosana Loiola Carlos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71519170414</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>172</b>
IDENTIDADE, AUTONOMIA E COMPROMETIMENTO DO ALUNO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM A DISTÂNCIA	
Eliamar Godoi	
Guacira Quirino Miranda	
Roberval Montes da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71519170415</b>	

**CAPÍTULO 16 ..... 183**

IMPLEMENTAÇÃO DE CURSOS NA MODALIDADE EAD: ESTUDO DE CASO EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO MÉDIO

Luiz Antonio Marques Filho  
Iêda Lenzi Durão  
Leonardo da Silva Sant'Anna

**DOI 10.22533/at.ed.71519170416**

**CAPÍTULO 17 ..... 199**

INICIAÇÃO CIENTÍFICA A DISTÂNCIA: UMA EXPERIÊNCIA DE PESQUISADORES NA ÁREA DE LETRAS

Eliza Adriana Sheuer Nantes  
Antonio Lemes Guerra Junior  
Ednéia de Cássia Santos Pinho  
Juliana Fogaça Sanches Simm  
Maria Gorett Freire Vitiello

**DOI 10.22533/at.ed.71519170417**

**CAPÍTULO 18 ..... 204**

O LETRAMENTO DIGITAL E A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: POTENCIALIDADES PARA A INCLUSÃO SOCIAL

Daniela de Oliveira Pereira

**DOI 10.22533/at.ed.71519170418**

**CAPÍTULO 19 ..... 217**

O TRABALHO DO TUTOR NA EAD FUNÇÃO, ATRIBUIÇÕES E RELAÇÕES ENTRE O PROFESSOR E O ALUNO

Sandra Regina dos Reis  
Okçana Battini

**DOI 10.22533/at.ed.71519170419**

**CAPÍTULO 20 ..... 228**

O USO DO FÓRUM COMO LABORATORIO DE FALA PARA A APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Maira Rejane Oliveira Pereira  
Ana Luzia Santos Pereira Pires  
Andressa Bacellar Veras  
Eliza Flora Muniz Araújo  
Ilka Marcia R. de Souza Serra

**DOI 10.22533/at.ed.71519170420**

**CAPÍTULO 21 ..... 236**

O USO DO WHATSAPP COMO FERRAMENTA DE PESQUISA NA EAD

Anabela Aparecida Silva Barbosa  
Rafael Nink de Carvalho

**DOI 10.22533/at.ed.71519170421**



**CAPÍTULO 22 ..... 247**

OS PROCESSOS DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA MODALIDADE A DISTÂNCIA

Miguel Alfredo Orth  
Claudia Escalante Medeiros  
Igor Radtke Bederode

**DOI 10.22533/at.ed.71519170422**

**CAPÍTULO 23 ..... 262**

PERSPECTIVAS E DIFICULDADES DOS ALUNOS DE UM CURSO DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA SEMIPRESENCIAL PARA UTILIZAREM DO SUPORTE DOS TUTORES

Bárbara Oliveira de Moraes  
Adalberto Oliveira Brito  
Fernanda de Araújo de Calmon Melo  
Maria Alice Augusta Coelho Coimbra  
José Ferreira dos Santos

**DOI 10.22533/at.ed.71519170423**

**CAPÍTULO 24 ..... 278**

PLANEJAMENTO, AÇÃO DE GESTÃO E STRATÉGIAS INOVADORAS OFERECIDAS PELA COORDENAÇÃO DE TUTORIA DO CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS EAD, UAB, ICB, UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Gláucia Maria Cavasin  
Cristiane Lopes Simão Lemos  
Júlia Cavasin Oliveira  
Jenyffer Soares Estival Murça

**DOI 10.22533/at.ed.71519170424**

**CAPÍTULO 25 ..... 284**

REALIDADE AUMENTADA PARA A EAD: QUAL O PAPEL DO PROFESSOR NO SEU DESENVOLVIMENTO?

Daiana Garibaldi da Rocha  
Adriana Ferreira Cardoso

**DOI 10.22533/at.ed.71519170425**

**CAPÍTULO 26 ..... 289**

REFLEXÕES SOBRE A ATUAÇÃO DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR PRESENCIAL: ENTRE A EDUCAÇÃO PRESENCIAL E VIRTUAL

Eloane Aparecida Rodrigues Carvalho  
Altina Abadia da Silva  
Hugo Maciel de Carvalho

**DOI 10.22533/at.ed.71519170426**

**CAPÍTULO 27 ..... 296**

TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E SEUS CONTRIBUTOS PARA A GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Neilane de Souza Viana

**DOI 10.22533/at.ed.71519170427**

**CAPÍTULO 28 ..... 309**

ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE USABILIDADE E O COMPORTAMENTO DO USUÁRIO NAS REDES SOCIAIS: UMA REFLEXÃO PARALELA NO CONTEXTO EDUCACIONAL; [TEXTO ORIGINALMENTE APRESENTADO NO CIET:ENPED (NÓBREGA ET AL., 2018C)]

Thaynan Escarião da Nóbrega  
José Klidenberg de Oliveira Júnior  
Andresa Costa Pereira  
Marco Antônio Dias da Silva

**DOI 10.22533/at.ed.71519170428**

**CAPÍTULO 29 ..... 322**

AS POSSIBILIDADES DE ANÁLISE DA NOÇÃO DE CAMPO SOCIAL E O ESTUDO DO CAMPO DA COMUNICAÇÃO

Renato Ribeiro Daltro  
Afrânio Mendes Catani

**DOI 10.22533/at.ed.71519170429**

**CAPÍTULO 30 ..... 331**

SESSÕES DE TELETANDEM À LUZ DE UMA PERSPECTIVA ECOLÓGICA

Rodrigo Schaefer  
Paulo Roberto Sehnem

**DOI 10.22533/at.ed.71519170430**

**CAPÍTULO 31 ..... 340**

TECNODOCÊNCIA NA FORMAÇÃO DE LICENCIANDOS: INTERDISCIPLINARIDADE E TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Luciana de Lima  
Robson Carlos Loureiro  
Gabriela Teles  
Thayana Brunna Queiroz Lima Sena  
Deyse Mara Romualdo Soares

**DOI 10.22533/at.ed.71519170431**

**CAPÍTULO 32 ..... 350**

TECNOLOGIAS ASSISTIVAS E INCLUSÃO ESCOLAR: O USO DO SOFTWARE GRID 2 NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO A ESTUDANTE COM AUTISMO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO DISTRITO FEDERAL

Flávia Ramos Cândido  
Amaralina Miranda de Souza

**DOI 10.22533/at.ed.71519170432**

**CAPÍTULO 33 ..... 367**

ROBÓTICA DE BAIXO CUSTO COMO OBJETO DE APRENDIZAGEM PARA ESTUDANTES COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

Luciano Frontino de Medeiros  
Scheila Leal Dantas

**DOI 10.22533/at.ed.71519170433**

<b>CAPÍTULO 34</b> .....	<b>378</b>
A UTILIZAÇÃO DO APLICATIVO HAND TALK PARA SURDOS, COMO FERRAMENTA DE MELHORA DA ACESSIBILIDADE NA EDUCAÇÃO	
<a href="#">Marcelo Rodrigues</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71519170434</b>	
<b>CAPÍTULO 35</b> .....	<b>392</b>
O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DO DEFICIENTE AUDITIVO A PARTIR DE UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA MEDIADA PELO ORALISMO PURO	
<a href="#">Andressa dos Santos Ribeiro</a>	
<a href="#">Cleres Carvalho do Nascimento Silva</a>	
<a href="#">Hávila Sâmua Oliveira Santos</a>	
<a href="#">Maria Claudia Lima Sousa</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71519170435</b>	
<b>CAPÍTULO 36</b> .....	<b>403</b>
A TECNOLOGIA COMO RECURSO PARA O DESENVOLVIMENTO DE ATIVIDADES PRÁTICAS SOBRE A MORFOLOGIA DOS FRUTOS	
<a href="#">Adriana Marcia dos Santos</a>	
<a href="#">Eliane Cerdas Labarce</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71519170436</b>	
<b>CAPÍTULO 37</b> .....	<b>418</b>
ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL: ANÁLISE DE PRÁTICAS EDUCATIVAS NO ENSINO FUNDAMENTAL	
<a href="#">Emanuelle Macêdo Viana</a>	
<a href="#">Maria de Fátima Camarotti</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71519170437</b>	
<b>CAPÍTULO 38</b> .....	<b>435</b>
A SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL DE MULHERES COM DEFICIÊNCIA NA INTERNET	
<a href="#">Karla Cristina Vicentini de Araújo</a>	
<a href="#">Nayara Fernanda Vicentini</a>	
<a href="#">Gabriella Rossetti Ferreira</a>	
<a href="#">Paulo Rennes Marçal Ribeiro</a>	
<a href="#">Ana Claudia Bortolozzi Maia</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71519170438</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>444</b>

## O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DO DEFICIENTE AUDITIVO A PARTIR DE UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA MEDIADA PELO ORALISMO PURO

### **Andressa dos Santos Ribeiro**

Acadêmica do 5º período. Curso de Pedagogia da Faculdade FacimpWynden. ribeiroandressa330@gmail.com.

### **Cleres Carvalho do Nascimento Silva**

Professora Mestra. Curso de Pedagogia da Faculdade FacimpWynden. carvalhoscar@outlook.com.

### **Hávila Sâmua Oliveira Santos**

Professora Especialista. Intérprete de Libras da Faculdade FacimpWynden. havilasamuaitz@gmail.com.

### **Maria Claudia Lima Sousa**

Professora Mestre. Curso de Pedagogia da Faculdade FacimpWynden. maria.sousa@facimp.edu

**RESUMO:** Baseado em um modelo clínico é que foi imposto ao surdo o desenvolvimento da expressão oral, tendo como pressuposto a “normalização” do surdo na busca da sua equivalência a uma educação ouvintista<sup>1</sup>. Mediante isto, o trabalho tem como objetivo analisar as implicações do método educacional oralista, na percepção de três ex-alunas de uma escola da rede privada de Imperatriz - MA. Tendo em vista a essa realidade, as entrevistadas tiveram sua educação baseado somente no método oralista (não sendo exposta a nenhuma língua de sinais). Este trabalho foi

realizado por meio de uma pesquisa qualitativa e fundamentado nos seguintes referenciais teóricos: Fernandes (1990), Quadros (1997) e Goldfeld (2002). Foram, selecionados três deficientes auditivos baseados nos seguintes critérios: 1- terem tido uma educação básica mediada, somente, pela oralização (sem intérprete de Língua de Sinais) e 2- terem conhecido a Libras- Língua Brasileira de Sinais posteriormente, no Ensino Superior ou depois da formação acadêmica. A pesquisa constatou que mesmo os deficientes auditivos fazendo leitura labial e tendo uma comunicação boa com os ouvintes ainda assim, há suas limitações, visto que, a pesquisa obteve resultados não satisfatórios da educação baseada no oralismo puro, havendo uma defasagem na aprendizagem escolar.

**Palavras chave:** Processo de aprendizagem. Deficiente auditivo. Método educacional Oralista.

### 1 | INTRODUÇÃO

A educação dos surdos foi, por um longo período, baseado num modelo clínico em que prevaleciam técnicas que visavam o desenvolvimento da expressão oral e essa postura foi disseminada tendo como

<sup>1</sup> De acordo com Carlos Skliar (2010), trata-se de um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte.

pressuposto básico a “normalização” dos surdos via domínio da oralidade na busca da sua equivalência ao ouvinte.

O artigo tem como objetivo analisar as implicações do método educacional oralista, na percepção de três ex-alunas de uma escola da rede privada do município de Imperatriz- Ma, especificando e analisando criticamente seu processo de aprendizagem na proposta oralista.

A metodologia adotada para o desenvolvimento deste trabalho foi, pesquisa qualitativa baseando ainda nos aportes teóricos, bem como fazer um levantamento de análise examinando nas experiências dos entrevistados sobre o processo de aprendizagem em sua educação básica mediado ao oralismo puro<sup>2</sup>.

A pesquisa está estruturada da seguinte forma: 1 Introdução; 2 Breve histórico da educação de surdos de antiguidade até os dias atuais; 3 Comunicação do deficiente auditivo em meio social; 4 Metodologia; 5 Resultados/Discussão; 6 Considerações Finais; 7 Referências Bibliográficas.

O primeiro tópico faz uma abordagem sobre os aspectos que caracterizam a pessoa surda de acordo com o contexto histórico, educacional e legal, buscando por meio de um recorte histórico de situar a questão do surdo até a contemporaneidade. Por conseguinte, é traçado sobre a comunicação do deficiente auditivo em meio social e na vida escolar convergindo no seu desenvolvimento cognitivo, destacando a dificuldade de sua compreensão da língua oral. E por fim, são expostas as considerações finais, corroborando algumas questões sobre a educação dos surdos.

## **2 | BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE SURDOS DA ANTIGUIDADE ATÉ OS DIAS ATUAIS**

Os percursos históricos da vida do sujeito surdo foram de muito sofrimento, discriminação, humilhação, limitações. Na antiguidade, eram considerados incapazes de ser independentes, viverem em sociedade, privados de ir à Igreja e se casarem, enfim, “a lei social que imperava era: os mais fortes sobrevivem” (BIANCHETTI; FREIRE, 2002).

No período na Idade Moderna, começou a surgir os primeiros trabalhos no tocante a educação da criança surda e de integrá-la (ainda não é inclusão) na sociedade. Alguns educadores tinham diferentes pontos de vista, no que diz respeito ao melhor método para a comunicação com surdos porque não tinham nenhum tipo de comunicação, viviam isolados, cada teste que faziam descobriam novos resultados e então foram percebendo que os surdos eram capazes de ter uma vida normal como os outros ditos “normais”.

O primeiro educador filantrópico francês que iniciou o trabalho com os surdos foi

---

2 A proposta desta filosofia era voltar à “normalidade”, à “não- surdez” e, para isto, rejeitava qualquer tipo de gestualização, não reconhecendo a língua de sinais como a língua materna da comunidade surda. (GOLDFELD, 1997).

Charles-Michel de L'Épée, conhecido também como “Pai de Surdos” pelo motivo de ser um dos primeiros a defender a Língua de Sinais e teve seu reconhecimento que é uma língua natural dos surdos, considerando como veículo adequado para desenvolver o pensamento e sua comunicação.

Para ele, o domínio de uma língua, oral ou gestual, é concebido como um instrumento para o sucesso de seus objetivos e não como um fim em si mesmo. Ele tinha claras a diferença entre linguagem e fala e a necessidade de um desenvolvimento pleno de linguagem para o desenvolvimento normal dos sujeitos (LACERDA, 1998, p. 3).

No século XVII foi o período considerado mais próspero da educação dos Surdos pois houve fundação de várias escolas para Surdos, e evolução, por meio de comunicação em Língua de Sinais.

Com o avanço e divulgação das práticas pedagógicas com surdos, houve o primeiro encontro em Paris, onde foi discutido a respeito das experiências e impressões dos trabalhos realizados, alguns grupos defendiam a língua de sinais para a comunicação com criança surda, pois perceberam que é sua língua natural, então foi período de alívio para o grupo de surdos.

Com o segundo encontro de instituições de educação de surdos no Congresso Mundial de Surdos-Mudos, no ano de 1880 em Milão, onde promovia a votação para definição de um método melhor para educação de surdo, o resultado da votação definiu ser o método oral puro, abolindo oficialmente o uso da Língua de Sinais, acreditando que esta não era a melhor maneira para o Surdo receber a instrução no ambiente escolar. Ressaltando também que os participantes do congresso na votação eram somente ouvintes, os surdos não tiveram direito de votar.

A partir daí, para a comunidade surda, o sofrimento foi maior do que imaginava, pois passaram mais de oitenta anos com a educação bastante rígida obrigando a falar, pois nem todos conseguiram ter uma fala de forma clara, era uma educação tradicional, algo que não desenvolvia e, por conseguinte, recebiam castigos. Mas, isso não impedia os surdos de comunicar-se, na língua gestual escondidos no banheiro evitando serem flagrados (HONORA, 2009).

No final do século XIX até grande parte do século XX prevaleceu às determinações do Congresso, ou seja, a proibição dos sinais. A autora GOLDFELD (2002) destaca:

O Oralismo percebe a surdez como uma deficiência que deve ser minimizada pela estimulação auditiva. Essa estimulação possibilitaria a aprendizagem da língua portuguesa e levaria a criança surda a integrar-se na comunidade ouvinte e desenvolver uma personalidade como a de um ouvinte. Ou seja, o objetivo do Oralismo é fazer uma reabilitação da criança surda em direção à normalidade, à “não-surdez” (p. 34).

Durante todo esse período de proibição do uso da língua de sinais os insucessos eram existentes, os alunos passavam por oito anos de escolaridade com poucas aquisições e saíam das escolas sem exercer uma profissão superior, sempre os empregos disponíveis eram inferiores. Os mesmos que não se adaptavam com oralismo eram considerados vagarosos e a sociedade somente considerava pessoas



normais se caso desenvolvesse a fala.

Conforme afirmação de dois psicólogos criadores do teste de quociente de inteligência, Binet e Simon (MOURA, apud, HONORA, 2009, p. 26) “concluíram que os Surdos não conseguiam realizar uma conversação, só podiam ser entendidos e entender aqueles a quem estavam acostumados”.

Diante desse cenário, permite compreender todo esse processo da educação dos surdos e os impactos dessa abordagem educacional supracitado, causando grande insatisfação por parte dos surdos e de alguns defensores da Língua de Sinais. Por conseguinte, iniciou uma formulação de novas propostas educacionais e aquela que mais tomou impulso nos anos de 1970, foram à denominada Comunicação Total, que utiliza todas as formas de comunicação possíveis na educação dos surdos, por acreditar que a comunicação deve ser privilegiada, e não a língua. Segundo Ciccone (1996),

A Comunicação Total é uma filosofia de trabalho voltada para o atendimento e a educação de pessoas surdas. Não é, tão somente, mais um método na área e seria realmente, um equívoco considerá-la, inicialmente, como tal (...). A Comunicação Total, entretanto, não é uma filosofia educacional que se preocupa com ideais paternalistas. O que ela postula, isto sim, é uma valorização de abordagens alternativas, que possam permitir ao surdo ser alguém, com quem se possa trocar idéias, sentimentos, informações, desde sua mais tenra idade. Condições estas que permitam aos seus familiares (ouvintes, na grande maioria das vezes) e às escolas especializadas, as possibilidades de, verdadeiramente, liberarem as ofertas de chances reais para um seu desenvolvimento harmônico. Condições, portanto, para que lhe sejam franqueadas mais justas oportunidades, de modo que possa ele, por si mesmo lutar em busca de espaços sociais a que, inquestionavelmente, tem direito (pp. 06-08).

Então utilizando essa abordagem filosófica Comunicação Total, não era um método especificamente em uma língua oral e nem sinais, era um tipo de método espontâneo que utiliza qualquer forma de expressão em livre arbítrio, expressando suas ideias, sentimentos e informações. A metodologia ainda tinha suas falhas, ainda não era suficiente, porém fazendo comparação com abordagem oralista, com certeza teve melhoria para a educação de surdos. Conforme Goldfeld, “a Comunicação Total, em oposição ao Oralismo, acredita que somente o aprendizado da língua oralizável não assegura pleno desenvolvimento da criança surda” (2002, p. 39).

Entretanto, esta metodologia não teve seus resultados satisfatórios, visto que a sua abordagem defendia dois tipos de línguas ao mesmo tempo, a fala e os sinais, ou seja, bimodalismo. E isso dificultava a aprendizagem dos alunos “tendo em vista que desconsidera a língua de sinais e sua riqueza estrutural e acaba por desestruturar também o português” (QUADROS, 1997, p. 26).

Até que então, as pesquisas feitas pelos linguísticos, os testes e resultados durante anos foram descobertos de acordo com várias tentativas em metodologia até chegar na abordagem Bilinguismo, onde teve seus resultados satisfatório, suas falhas diminuíram, e perceberam que realmente a língua natural dos surdos é Língua de Sinais, onde o mesmo têm o desenvolvimento subitâneo igualado ao ouvinte, porém

em línguas diferentes.

O objetivo do Bilinguismo é os Surdos ter duas habilidades, tendo sua primeira língua (Língua de Sinais) e segunda (Língua Portuguesa) oral e escrita; não obrigatoriamente oral, dependendo de cada caso e suas particularidades. Graças a este programa de pesquisas e a outros similares, a filosofia do bilinguismo trouxe:

uma grande expansão do vocabulário de palavras, o que, por sua vez, melhorou substancialmente as habilidades de leitura labial" (...) "foi o progresso geral observado nas habilidades sociais, cognitivas e acadêmicas dos jovens, a habilidade de tomar decisões informadas acerca de si mesmo e de encontrar seu lugar do mundo" (CAPOVILLA, 2000, p. 111).

Diante desse contexto educacional, nota-se que os Surdos travaram grandes batalhas pela afirmação de seu reconhecimento social, que a cada dia vem se fortalecendo, e se firmando com a aprovação da Lei da Libras nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Em complemento dessa Lei foi criado o Decreto nº. 5.626/2005. Proporcionando a inclusão e melhoria na educação dos surdos de maneira gradativa. Por um lado, toda essa imposição foi um estímulo para estes se organizarem e lutarem por seus direitos. Segundo Quadros (1997) afirma:

[...] todos os seres humanos têm o direito de identificarem-se com uma língua materna e de serem aceitos e respeitados por isso; todos têm o direito de aprender a língua materna completamente, nas suas formas oral (quando fisiologicamente possível) e escrita; [...] todos os utentes de uma língua materna não-oficial em um país têm o direito de serem bilíngües, isto é, o direito de terem acesso a sua língua materna e à língua oficial do país (p. 28).

Portanto, essa relevância conduz a reflexões sobre o quanto a LIBRAS vêm se transformando à medida que a sociedade vai se modificando, vivendo hoje um momento histórico, sendo que a concepção a respeito dessa língua visual-espacial nem sempre recebeu status linguístico.

Outro aspecto relevante foi à preocupação atual em estruturar um Plano Educacional que não afete a experiência Psicossocial e Linguística da pessoa surda. E, partindo dessa premissa, começa a surgir à modalidade Bilíngüe como proposta de assegurar o entendimento das aulas e conteúdos ministrados em Libras, comprometendo a aprendizagem deste aluno na sua língua materna e na Língua Portuguesa- LP como segunda língua. Esta é uma abordagem bastante recente no Brasil, pois muito ainda se tem a elaborar, estudar, pesquisar e adaptar, as práticas metodológicas, as necessidades da pessoa surda, já que os surdos adquirem conhecimentos por meio do canal visual.

### **3 | A COMUNICAÇÃO DO DEFICIENTE AUDITIVO NO ÂMBITO ESCOLAR**

Passados os nove meses de gestação chega o momento do parto, a primeira comunicação do ser humano é o choro avisando que está bem. O primeiro contato é com a mãe, pois, ao sentir na pele a aproximação, já existe comunicação através

do acalento e sentimentos transmitidos entre mãe e filho. Ao passar do tempo há o acompanhamento de seu crescimento, seus primeiros balbucios, sorrisos, as conversas da mãe com o recém-nascido, sem saber que o recém-nascido, que até então desconhece a deficiência auditiva, quando enfim chega a descoberta da surdez do filho.

Nesse momento podem surgir indagações dos pais, do tipo. O meu filho não vai falar? O que será meu filho quando crescer? Qual a profissão que ele vai ter? Como será vai ser a vida dele em social? “Entre as crianças surdas, 90% têm pais ouvintes, e a ausência de experiência com perda de audição faz com que esses pais enfrentem vários obstáculos em relação ao desenvolvimento dessa criança, sendo um deles a dificuldade de comunicação” (ELEWEKE e RODDA, apud SILVA, et al. p. 280).

O desespero dos pais é algo comum à primeira orientação dada aos pais é procurarem profissionais dentre eles, o fonoaudiologista indicando a utilização de aparelhos para poder conviver no mundo de ouvinte. Segundo autores Eleweke & Rodda, (2000):

Os pais são fortemente influenciados pela informação recebida, especialmente no período que se segue ao diagnóstico da perda de audição. A forma como os pais percebem as funções do aparelho auditivo, a influência da atitude do profissional que os atendeu, bem como a qualidade do aconselhamento, influenciam a decisão dos pais em relação aos recursos comunicativos (apud, SILVA, et al. p. 280).

Cabe à família decidir a linguagem para o filho. Elas são: oral e gestual. A grande porcentagem da família seleciona a modalidade oral, pois vivemos no mundo onde a maioria é ouvinte, acontecem geralmente, “com as orientações recebidas dos profissionais que atenderam e com a expectativa que constroem em relação aos filhos, os pais adotam, mesmo sem o saber, uma determinada concepção de surdez” (SILVA et al, 2007, p. 280).

O objetivo do clínico-terapêutico especificamente na área da surdez, é desenvolver a fala da criança surda com auxílio da prótese auditiva, porém, a maioria somente tem seus resultados positivos quando os pais descobrem a surdez do filho no tempo certo e levam a criança desde a tenra idade. Primeiramente, matriculam na escola especiais e mais o acompanhamento profissional para reabilitação da fala, e passam anos treinando a fala, e depois tem o acesso na escola regular (CORRÊA, 2012).

O deficiente auditivo ao entrar na escola regular, é visto como uma pessoa inferior, incapaz, deficiente, coitado, excluído pela maioria dos colegas em sala de aula. A maior parte do deficiente auditivo sente vergonha de mostrar a sua surdez e até da sua prótese auditiva, não tem uma aquisição de identidade e opinião própria, pois, “a dificuldade com a linguagem pode ter derivado da privação cognitiva e emocional” (SANTANA, 2007, p. 59).

O ponto de vista da sociedade, médicos, família não ver a realidade do sujeito surdo, os mesmos têm o pensamento de que o aparelho auditivo é o “milagre” que vai fazer o deficiente auditivo entender tudo que está sendo falado, mas não é verdade,

mesmo ele sendo oralizado, usando o aparelho auditivo, mas ele não consegue acompanhar simultaneamente com a sociedade ouvinte. Conforme afirmação de Quadros (1997):

(...) apesar do investimento de anos de vida de uma criança surda na sua oralização, ela somente é capaz de captar, através da leitura labial, cerca de 20% da mensagem e, além disso, sua produção oral, normalmente, não é compreendida por pessoas que não convivem com ela (p. 23).

A autora destaca que, a forma de falar com uma pessoa surda e ouvinte é diferente. Que ao abordar um deficiente auditivo individualmente é necessário entrar no seu campo visual, falar de maneira clara pronunciando bem as palavras sem exagero, deixar a boca visível de forma a possibilitar a leitura labial. Dessa forma, o indivíduo surdo entenderá a informação quando a conversa for entre duas pessoas, mas, considerando uma conversa com três ou mais pessoas ao seu redor, ele apresentará limitação para entender, pois, diante dessa situação “(...) uma pessoa não tem condições de interagir social e cognitivamente com qualidade e com quantidade no seu meio” (QUADROS, 1997, p. 16).

#### 4 | METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado por meio de uma pesquisa qualitativa. Conforme Gil (2002) essa abordagem permite estudar com maior profundidade o contexto e as ações dos sujeitos envolvidos, valorizando o contato direto com a situação estudada, permitindo analisar a individualidade e seus múltiplos significados.

Como instrumentos para coleta de dados foi elaborado, previamente, um questionário com perguntas abertas para posteriormente aplicada uma entrevista aos sujeitos da pesquisa, tendo em vista que, Gil (2002) afirma que, essas técnicas são bastante úteis para a obtenção de informações acerca do que a pessoa pensa, sente, deseja, bem como a respeito de suas explicações.

Para esta pesquisa foram selecionados três deficientes auditivos baseados nos seguintes critérios: 1- terem tido uma educação básica mediada, somente, pela oralização (sem intérprete de Língua de Sinais) e 2- terem conhecido a Libras- Língua Brasileira de Sinais posteriormente, no Ensino Superior ou depois da formação acadêmica. A comunicação utilizada nesta pesquisa foi significativa, pois a pesquisadora é surda oralizada (usuária da Língua de Sinais e leitura labial) e facilitou na pesquisa.

Conforme esses critérios e, mediante a análise dos resultados, será levantada uma reflexão crítica em torno da temática. Para tal, terá como suporte das análises os aportes teóricos que foram abordados no decorrer da fundamentação teórica, como também a outros que discorrem sobre assuntos relevantes para a análise desta pesquisa por meio de análise descritiva.

Ressalta-se que a identidade dos entrevistados foi mantida em anonimato e por isso, utiliza-se de “D.A1/D.A2/D.A3” para identifica-los. Todas as falas foram

destacadas em *itálico*. As letras para identificação referem-se a Deficiente Auditivo.

## 5 | RESULTADOS/ DISCUSSÃO

### 5.1 O processo de aprendizagem dos deficientes auditivos frente a proposta oralista

A metodologia Oralista visa o desenvolvimento e a aprendizagem da fala como um ponto central, na crença de que a pessoa com surdez pode apropriar-se dela e comunicar-se de maneira satisfatória, nesse caso, especificamente na educação. Sendo assim, estudando em escola regular e as aulas mediadas somente pela oralização, os entrevistados foram questionados se eles tinham uma boa compreensão/entendimento das aulas/conteúdos transmitidos pelos professores. Segue abaixo as seguintes respostas:

D.A1: No tempo de colegiado, eu não entendia nada que o professor falava. Eu sentava na cadeira da frente e tinha pouco entendimento. Mas, por vezes, o professor esquecia de mim e virava as costas para escrever no quadro e explicando ao mesmo tempo. Ou então, o professor ministrava as aulas movimentando-se pela sala e eu tentando acompanhá-lo, virando o pescoço para saber sobre o que ele falava. E então eu levantava a mão e pedia á ele para ter paciência comigo e ficar na minha frente para eu poder fazer a leitura labial. O professor, por sua vez, se desculpava. Era um sofrimento.

D.A2: Em toda minha educação básica, na explicação do professor, eu não tive o entendimento claro não, só um pouco. Às vezes o professor sempre explicava se movimentando para todos lados, e eu tentando ver os lábios para fazer leitura labial e não conseguia entender nada. E também pensam que eu consigo ouvir com aparelho auditivo e captar a compreensão, eu não consigo entender a contextualização, as palavras que eu conheço significado mas demoro a entender.

D.A3: Durante a minha educação tanto no fundamental e médio tive muita dificuldade. Não ficava claro meus entendimentos, eu estudava com uma prima e ela me ajudava repetindo as explicações do professor. E meus colegas de sala também. Pois quando surgiu o Decreto 5.626/05 eu já tinha terminado minha primeira graduação em Terapia Ocupacional, tudo com muita dificuldade e passando por muitas barreiras.

Pelas suas respostas percebemos que não foi o suficiente captar totalmente a fala do professor através da leitura labial e seu entendimento dos conteúdos foi uma defasagem escolar, pois sempre perdia muitas informações.

A impaciência por parte do aluno em ficar pedindo ao professor para posicionar-se na frente dos alunos, causado desconforto ao aluno surdo, bem como ao professor que na maioria das vezes não foi preparado para trabalhar que essa realidade em sala de aula, permanecendo na sua metodologia padrão. Outra dificuldade é a amplitude do vocabulário do professor que dificulta a compreensão do aluno surdo, pois nem todas as palavras faladas pelo professor são compreendidas pelo contexto.

Para esta afirmação Fernandes (1990, p. 13) diz que, “Além disso, a audição é

uma das principais responsáveis pela aquisição da linguagem, processo que envolve desenvolvimento de pensamento, memória e raciocínio”.

Outro questionamento refere-se sobre a necessidade do entrevistado de apoio por parte de alguém, ou algum colega em sala de aula no momento da aula, ou em casa como se fosse um “intérprete”. E as respostas delas foram:

D.A1: Tinha apoio de uma aluna dos anos iniciais até o ensino médio, sempre foi a mesma companheira na minha educação toda, quando eu pedia ela me ajudava sim, mas eu sentia que a mesma me ajudava só por pena, no fundo do coração ela não queria ficar junto comigo não, não era uma amizade verdadeira. Ficava comigo só para ajudar e por necessidade. Quando tinha dúvida de algo, perguntava tudo e ela me respondia, até hoje eu lembro dela (risos), encontro ela às vezes.

D.A2: Já necessitei do apoio dos colegas em sala de aula, eles me ajudavam só às vezes porque não tinha paciência, e também eles prestavam atenção nas aulas e não queria atrapalhar. Eu perguntava para eles, o que o professor falou, eles me explicavam, mas não tudo, só um pouco. E também, as perguntas nas atividades eu pedia para os colegas me explicar a pergunta porque não estava compreendendo e não estava encontrando as respostas no livro, e eles não me explicavam, só mostrava o que foi encontrado na resposta do livro, ou seja, já respondia pra mim.

D.A3: Meus colegas sempre foram meus apoios, durante todo meus estudos desde educação básica até a faculdade. Mas quando eu chegava em casa minha mãe era minha professora. Treinamos muito durante meus estudos para que eu pudesse ter um bom desempenho em sala de aula. Como ela tinha me ensinado língua de sinais, durante o dia eu forçava meu entendimento através da oralidade e quando eu chegar em casa ela me repassava o conteúdo em sinais pra eu entender melhor.

Nota-se na afirmação dos entrevistados que já necessitou de suporte para compreender o que foi falado, algumas informações foram perdidas por falta de auxílio na compreensão, até mesmo em conseguir realizar as atividades pedidas pelo professor. Nota-se que, mesmo os deficientes auditivos fazendo leitura labial, apresentam dificuldades na compreensão e realização das atividades escolares, por se limitar a leitura visual, sendo que essa prática limita o desenvolvimento de aprendizagens pelos alunos surdos.

Essa questão anterior corrobora com a terceira pergunta que foi a seguinte: “O professor tinha uma metodologia adaptada para você?”. As entrevistadas responderam que era uma sala onde os alunos eram ouvintes. Elas compartilham da mesma resposta, conta-se nos dedos os professores que ajudavam ou que se preocupavam em aplicar uma metodologia específica. Mas, elas afirmam que uns e outros professores entendiam que elas tinham dificuldades em assuntos da aula.

## **5.2 Concepção dos deficientes auditivos sobre a compreensão de textos em algumas situações**

Sobre a compreensão de textos na Língua Portuguesa foi questionada sobre: Você consegue ler textos, realizar alguma prova escrita onde existiam palavras formais e como eles estudavam para prova? Segue os seguintes resultados: D.A1: Na hora da leitura em Língua Portuguesa eu tinha dificuldade sim, o contexto! Mas, as palavras



e significado eu entendo, mas não sei o que pergunta quer dizer! Sempre tinha interrogação. Sempre tive dificuldade. Chamava os professores para me explicar, eles me explicavam em oral, sem nenhum gesto, mas mesmo eu oralizada eu não conseguia ter um bom desenvolvimento, era um processo demorado. Estudava para as provas com antecedência de semanas antes da prova porque eu não conseguia memorizar cedo, eu fazia resumo do conteúdo em papel branco, e no outro dia estudava somente o meu resumo feito através de memorização, mas na hora da prova não caía nada no que estudei;

D.A2: Principalmente na área linguística, eu não conseguia entender nada as perguntas formais, eu perguntava o significado e me respondia somente o significado, mas não sabia contextualizar. Estudava para provas através da memorização;

D.A3: Reprovei vários vestibulares por conta das minhas más interpretações das palavras(...). Estudar para prova era sempre uma luta. Eu nunca deixava pra estudar na última hora, tipo na semana de prova. Eu estudava todos os dias um pouco, eu costumava ter um caderno velho onde eu escrevia repetidamente as palavras que tinha dificuldade de lembrar e falar. Assim fiz até a faculdade, e eu não tinha horário pra escrever, às vezes passava a madrugada inteira treinando palavras e estudando texto (risos).

Diante disso, conforme afirmação do autor Svartholm (1997), que a forma escrita é totalmente diferente percebida visualmente pela criança surda, e não tem relação com contexto imediato para o entendimento de seu conteúdo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o exposto, esta pesquisa teve como objetivo analisar as implicações do método educacional oralista, na percepção de três ex-alunas de uma escola da rede privada em Imperatriz-MA, e percebeu-se que mesmo os deficientes auditivos fazendo leitura labial e tendo uma comunicação boa com os ouvintes há suas limitações, visto que, a pesquisa obteve resultados não satisfatórios da educação destas alunas baseada no oralismo puro, havendo uma defasagem na aprendizagem escolar.

Conforme os pressupostos teóricos, os surdos tiveram limitações quando imposto a eles uma educação oralista, passando por muita dificuldade linguística. A privação de sua língua materna reporta a sérios prejuízos e retrocessos em termos de aprendizagem, desenvolvimento e compreensão da língua majoritária.

Assim foi obtido por meio da entrevista: dificuldade em compreender as aulas, a falta de metodologia e atenção do professor ao deficiente auditivo e insatisfação das ex-alunas surdas por suas necessidades não serem atendidas, ou seja, os estudos e a aprendizagem comprometida.

A partir destas ocorrências, fica evidente que, por conta da maioria das crianças surdas serem filhos de pais ouvintes, as famílias “vão procurar passar a herança que

parte da referência na língua falada no país” (QUADROS, 2017, p. 75). Mediante isto, a influência da família faz com que essas crianças tenham uma educação regular/ouvintista, acreditando que somente pela linguagem verbal poderá ser satisfatória na sala de aula, porém a realidade não corresponde a expectativa.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Decreto nº 5.626**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Publicada no Diário Oficial da União em 22/12/2005.

BIANCHETTI, Lucídio; FREIRE, Ida Mara. Aspectos históricos da apreensão e da educação dos considerados deficientes. In: **Um olhar sobre a diferença: interação, trabalho e cidadania**. 5.ed. Papyrus Editora, 2002.

CAPOVILLA, Fernando C. **Filosofias Educacionais em relação ao surdo: do oralismo à comunicação total ao bilinguismo**. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 6, n 1. São Paulo, 2000.

CICCONI, Marta. **Comunicação total: introdução, estratégias a pessoa surda**. 2ªed. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1996.

CORRÊA, Jordelina Montalvão. **Surdez e os Fatores que Compõe o Método Áudio. Linguagem Oral Para Crianças com Perda Auditiva**. 3º ed. São Paulo: Atheneu, 2012.

FERNANDES, Eulália. **Problemas linguísticos e cognitivos do surdo**. Rio de Janeiro: AGIR, 1990.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva socio-interacionista**. 4 º ed. São Paulo. Plexus, 2002.

HONORA, Márcia. **Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa. **Um pouco da história das diferentes abordagens na educação de surdos**. Caderno Cedes, Vol. 19, Campinas, 1998.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, Ronice Muller de. **Língua de Herança: língua brasileira de sinais**. Porto Alegre: Penso, 2017.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e Linguagem: implicações neurolinguísticas**. São Paulo: Plexus, 2007.

SILVA, Angélica B. de P. [et. al]. **Mães Ouvintes com Filhos surdos: Concepção de Surdez e Escolha de Modalidade de Linguagem**. Vol. 23. Brasília, 2007.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**GABRIELLA ROSSETTI FERREIRA** Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil. Mestra em Educação Sexual pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil. Realizou parte da pesquisa do mestrado no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IEUL). Especialista em Psicopedagogia pela UNIGRAN – Centro Universitário da Grande Dourados - Polo Ribeirão Preto. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil. Agência de Fomento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Atua e desenvolve pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade, Formação de professores, Tecnologias na Educação, Psicopedagogia, Psicologia do desenvolvimento sócio afetivo e implicações na aprendizagem. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/0921188314911244>

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-271-5

